

Apontamentos sobre a associação livre em Christopher Bollas

Notes on free association in Christopher Bollas

*Janderson Farias Silvestre Ramos**

Resumo

O artigo analisa a importância da associação livre em Christopher Bollas, mostrando que o autor a enfatiza como expressão do pensamento inconsciente. Bollas retoma a compreensão freudiana do fluxo associativo como um processo que revela a lógica própria do inconsciente em suas sequências, deslocamentos e múltiplas formas de representação. São descritas as quatro modalidades de associação livre que evidenciam a complexidade psíquica. O texto aborda como o fluxo associativo é impulsionado por um jogo de perguntas e respostas do *self* consigo mesmo. Por fim, aborda a resistência dos analistas à regra fundamental e defende a associação livre como fundamento ético e clínico para acessar a complexidade da vida inconsciente.

Palavras-chave: Associação livre. Christopher Bollas. Pensamento inconsciente. Psicanálise. Técnica psicanalítica.

Abstract

The article analyzes the importance of free association in Christopher Bollas, showing that the author emphasizes it as an expression of unconscious thought. Bollas revisits the Freudian understanding of the associative flow as a process that reveals the unconscious's own logic in its sequences, displacements, and multiple forms of representation. The four modalities of free association are described as expressions of psychic complexity. The text examines how this flow is driven by an internal play of questions and answers within the self. Finally, it addresses analysts' resistance to the fundamental rule and argues that free association remains an ethical and clinical foundation for accessing the complexity of unconscious life.

Keywords: Free association. Christopher Bollas. Unconscious thought. Psychoanalysis. Psychoanalytic technique.

* Psicanalista e psicólogo. Docente no curso de graduação em Psicologia e Pós-doutorando no Programa de Estudos Pós-Graduados da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Doutor em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). Membro do Laboratório Interinstitucional de Estudos da Intersubjetividade e Psicanálise Contemporânea (LIPSIC - PUC/USP). São Paulo, SP, Brasil. jandersonfarias@yahoo.com.br

As referências à associação livre na obra de Christopher Bollas são abundantes e vão se avolumando ao longo de seus trabalhos. Sara Nettleton (2018) considera que o trabalho de Bollas sobre a associação livre é, provavelmente, sua contribuição mais extensa para a teoria da técnica psicanalítica. A autora destaca que Bollas compreende a associação livre como uma ferramenta central no decorrer de toda uma análise e em todos os quadros clínicos, desde a neurose à esquizofrenia.

Em seu primeiro livro, *A sombra do objeto* (BOLLAS, 1987/2015) não encontramos um tópico ou capítulo inteiramente dedicado ao tema, mas em sua explanação sobre os usos expressivos da contratransferência Bollas aborda a questão da associação livre do analisando sendo completada pela associação do analista. No livro posterior, *Forças do destino*, no capítulo *O muro e as interpretações*, Bollas (1989/2021) dedica um tópico para discutir o uso da associação livre pelo analista. E no terceiro livro, *Sendo um personagem* (BOLLAS, 1992/1998) aquele pequeno tópico se transforma em um capítulo inteiro.

Nestas primeiras abordagens de Bollas ao tema da associação livre, o autor está mais interessado na mente do analista. Isto é, ele se dedica a pensar, primariamente, no processo livre associativo que se dá na mente do psicanalista em sessão. A partir de sua monografia *Associação livre*, publicada em 2002, sua ênfase passa a recair mais no fluxo associativo do lado do analisando. Neste artigo o meu foco será nas ideias bollasianas a este respeito.

Bollas lembra que em seu artigo metapsicológico *O inconsciente*, Freud (1915/1996) reconheceu que o reprimido é apenas uma parte do inconsciente, e não o todo. No entanto, ao eleger o inconsciente reprimido como a dimensão central que o analista deve seguir em sua escuta clínica, Freud desenvolve uma teoria que pode ser usada por ele e pelos demais analistas como uma defesa “contra as profundezas insondáveis que todos os analistas enfrentam – pois agora podem buscar fatos seletivos de natureza sexual ou agressiva” (BOLLAS, 2009/2012).

No entanto, Bollas acredita que Freud sabia que a “mente humana movia-se segundo uma vasta sinfonia mahleriana de linhas de pensamento que emergiam de diferentes fontes, convergindo de vez em quando e irradiando para o espaço infinito” (p. 23). Na concepção de Bollas, Freud e psicanalistas posteriores teriam se defendido desta compreensão incrível e assustadora. Contudo, Bollas salienta, o próprio Freud criou uma forma de escutar este inconsciente complexo e infinito. Essa forma é a associação livre, e estaria na base do próprio modo como funciona o pensamento inconsciente.

Associação livre e pensamento inconsciente

Na introdução de *A questão infinita*, Bollas (2009/2012) apresenta uma situação hipotética de sua própria vida. Passando por uma leiteria, ele pensa em sua infância, lembra dos passeios semanais que fazia à leiteria com seu avô e de arrancar brotos da grama para dar às vacas do outro lado da cerca. Lembra do carro do avô, um Ford T, no qual o avô o colocava no colo e lhe permitia girar o volante, para em seguida pararem para tomar sorvete. Pode ser, no entanto, Bollas continua, que ele não pensasse em nada disso ao passar pela leiteria, mas virando-se para sua esposa e filhos, poderia perguntar se eles querem tomar sorvete. Muito provavelmente ele não teria consciência da relação entre esta pergunta, bem como seu desejo pelo sorvete, e os passeios com seu avô, e toda a gama de associações envolvidas. Mas tudo estaria em sua mente. Todas aquelas associações inconscientes teriam sido evocadas pelo objeto evocativo “leiteria¹”. Ela é, portanto, algo em que Bollas estaria *pensando inconscientemente* e este pensamento se reverteria em uma ação.

Bollas argumenta que o “eu” que pensa inconscientemente é muito mais complexo que o “eu” que pensa de modo consciente, pois conscientemente conseguimos pensar apenas um pensamento por vez, enquanto inconscientemente uma única imagem (como a leiteria) pode conter múltiplos pensamentos inconscientes. Ele considera que para nós é impossível pensarmos (conscientemente) em todas as impressões que nos chegam durante o dia. Não somos capazes de pensar nem mesmo nas associações suscitadas por um único objeto evocativo. Dessa maneira, “um dia em nossas vidas é uma jornada complexa através de um labirinto de associações [inconscientes]” (BOLLAS, 2009/2012, p. 16).

Em *Sendo um personagem* Bollas (1992/1998) aborda esta ideia a partir da perspectiva de que estamos dentro de um sonho diurno, pois o mesmo processo que conduz à formação dos pensamentos oníricos, está acontecendo constantemente em nossa vida de vigília, produzindo pensamentos inconscientes. Ele retoma a teoria freudiana do resto diurno (FREUD, 1900/1996) e o conceito kleiniano de identificação projetiva (KLEIN, 1946/1991) e defende que um objeto só se torna um resto utilizado para a formação do sonho porque proje-

1. A respeito do conceito de objeto evocativo ver o capítulo 2, do livro *Sendo um personagem*, de Bollas (1992/1998) bem como o capítulo 6 *Objetos evocativos e a valorização dos restos diurnos – ou o caráter evocativo da vida trivial*, de Luciana Pires (2024), no livro *Por que Bollas?* (CINTRA, 2024), além, é claro, do livro *O mundo dos objetos evocativos*, em particular o segundo capítulo (BOLLAS, 2009/2025).

tamos nele partes de nós mesmos, de modo que eles se tornam psiquicamente significantes. Assim, o transformamos em uma ferramenta de pensamento próprio ao estado onírico.

Beck (2002) apresenta seis características do pensamento consciente que considera relevantes para compreender a noção de pensamento inconsciente em Bollas. Em sua visão, a concepção de Bollas sobre o pensamento inconsciente leva essas seis características em consideração, mas propõe que elas se manifestam de modo diferente no inconsciente:

1. Em primeiro lugar, o pensamento consciente se inicia quando nos afastamos de um envolvimento produtivo e prático com o mundo. É neste recolhimento que paramos para pensar. De modo semelhante, para Bollas, o pensamento inconsciente se inicia com um afastamento do envolvimento consciente com o mundo.
2. O pensamento consciente acontece como um diálogo interior. Isto é, o pensamento cria uma cisão na mente, de modo que a mente conversa consigo mesma. Em termos bollasianos, este tipo de pensamento é oriundo de um *self* complexo, isto é, o *self* que medita, que reflete sobre a experiência. O pensamento inconsciente, ao contrário, é fruto da atividade do *self* simples, o *self* que está imerso em seus pensamentos.
3. O pensamento consciente envolve um distanciamento da realidade percebida objetivamente e uma aproximação àquilo que Hanna Arendt chamou de “coisas-pensadas”. Isto é, memórias, opiniões, hipóteses, conceitos, etc. O pensamento inconsciente também exige o envolvimento com “coisas-pensadas”. Essas “coisas” surgem no inconsciente durante o encontro com um objeto. Beck (2002) aponta que Bollas utiliza a palavra objeto em um sentido amplo, referindo-se a qualquer coisa que afete a psique, podendo ser outras pessoas, lugares, obras de arte, partes do corpo, ou até mesmo o próprio *self*. Cada objeto tem o potencial de evocar alguma experiência particular do *self* e este representa a experiência do objeto de maneira linguística, sonora, interpessoal, gestual ou visual. Esses modos de representação inconsciente pertencem à categoria das “coisas-pensadas”.
4. O pensamento consciente pode assumir formas variadas. Pode se apresentar como pensamento objetivo, lógico ou imaginativo. O pensamento inconsciente, por outro lado, está mais próximo do sonho, ocorrendo como condensações e disseminações. Ou seja, o inconsciente reúne ideias latentes em constelações e as desfaz em cadeias de associações. Podemos evocar aqui a imagem de um *big bang*. Nossa mente inconsciente está re-

correntemente agrupando ideias que se condensam até atingir uma densidade psíquica tamanha que explode em associações que se disseminam ao infinito.

5. O pensamento consciente com grande frequência está relacionado, de algum modo, às opiniões e pensamentos de outros – amigos, professores, pais e a sociedade em geral. Em grande parte das vezes, pensar significa pensar os pensamentos de outros. Semelhantemente, o pensamento inconsciente requer inicialmente a presença facilitadora de outros — pessoas que disponibilizam ao sujeito aquilo que, de outra forma, seria impensável.
6. O conceito de pensamento está ligado à ideia de verdade. Assim como existem diferentes tipos de verdade, existem diferentes formas de pensamento. A este respeito Beck evoca as ideias de Leibniz que diferencia dois tipos de verdade: as verdades da razão e as verdades de fato. O pensamento lógico alcança as verdades da razão, como por exemplo chegar à conclusão de que dois mais dois são quatro. Já as verdades de fato precisam de testemunhas. O pensamento inconsciente também se associa à ideia de verdade, mas Beck enfatiza que Bollas, como psicanalista, está interessado na descoberta da verdade individual ou autoconhecimento.

Fica claro, portanto, que Bollas considera que a mente inconsciente é capaz de um modo de pensar extremamente complexo. Ao lermos estas características do pensamento inconsciente teorizadas por Bollas e sumarizadas por Beck, fica evidente que há uma lógica complexa por trás do pensamento inconsciente.

Bollas utiliza a analogia de uma composição musical ou literária para referir-se à complexidade do que acontece no processo livre-associativo. Ele diz que em uma música, assim como em uma obra de ficção ou em uma sessão de análise, podemos isolar um conteúdo específico (um parágrafo do romance, uma frase em uma sinfonia, algumas palavras do analisando) e proceder a um exame desse conteúdo. No entanto, ao fazermos isso, isolamos este fragmento do todo da obra. Do mesmo modo, “quando isolamos uma ideia inconsciente removendo-a de seu contexto processional e função, ignoramos o inconsciente temporariamente como um processo de pensamento (BOLLAS, 2009/2012, p. 19, grifo nosso). Sublinhei a última linha da citação acima para enfatizar o fato de que Bollas defende claramente que seguir o fluxo associativo livre do analisando em sessão é escutar o inconsciente enquanto um tipo de pensamento. Mais adiante veremos que Bollas compreende que a relação do nosso *self* consciente com o

inconsciente atualiza uma situação primordial em que habitávamos o mundo do Outro, este que detém uma sabedoria que não podíamos alcançar. É o conhecimento inconsciente que motiva questões, e só podemos nos aproximar de uma compreensão da sua lógica de pensamento por meio da associação livre.

Bollas (2009/2025) defende ainda que “falar livremente é em si uma forma de pensamento” (p. 53), de modo que o uso da associação livre pelo paciente permite a ele descobrir este novo método de pensamento. A liberdade de falar sem saber do que está falando permite que o analisando descubra, pouco a pouco, que o inconsciente fala por meio do *self* consciente. Os analisandos desenvolvem então uma nova relação com a vida inconsciente, na medida em que o discurso livre tanto libera a mente inconsciente quanto leva o analisando a se conscientizar dela.

Bollas (2009/2025) observa que muitas vezes, quando o analisando expressa algo em forma de questionamento, faz uma pausa, e segue falando sobre outro assunto aparentemente desconectado, é provável que este segundo tópico represente uma tentativa de resposta para o primeiro. Quando o analista aponta isto para o paciente este começa a apreciar o pensamento livre associativo, pois o material usado pelo analista em sua comunicação ao paciente veio totalmente deste, isto é, “a fonte da verdade” (p. 68) terá vindo de seu próprio processo de pensamento.

A associação livre como formação de compromisso

Em seu pequeno livro *Associação livre* (BOLLAS, 2002/2005), que se tornou o primeiro capítulo de *O mundo dos objetos evocativos* (BOLLAS, 2009/2025), Bollas aborda seu interesse em investigar as histórias que são reveladas por meio do processo de associação livre, histórias contadas “não nas entrelinhas, mas por meio do encadeamento de ideias nas linhas” (p. 7). Ele está se referindo ao pensamento inconsciente que é revelado seguindo a sequência do próprio processo associativo, as “linhas”, e não apenas aquelas ideias que se revelam em momentos fugazes da análise (as “entrelinhas”). Ele aponta como Freud observou que quando pensamos livremente, sem nos concentrarmos em nada em particular, “criamos linhas de pensamento que se ramificam em múltiplas e variadas direções, revelando interesses inconscientes diversos” (p. 7).

Bollas (2009/2025) considera que ao criar a sessão analítica Freud concedeu a “essa forma comum de pensamento” (p. 31), a saber, a associação livre, um espaço de uso privilegiado, transformando a “natureza monolocal” do diá-

logo interior em uma “estrutura dialógica” que o autor propõe chamar de *par freudiano*.

O autor levanta a questão: será que Freud realmente acreditava que o analisando seria capaz de revelar completamente os pensamentos que passam pela sua mente? É evidente que não, ele conclui, e a leitura dos textos freudianos revela que Freud tinha consciência de que o esforço para seguir a regra fundamental sempre era acompanhado de resistências. Bollas denuncia o fato de que ao longo dos anos, no entanto, os analistas se afastaram dessa concepção básica de Freud, isto é, de que a resistência é um fenômeno ubíquo e, portanto, compõe a própria associação livre, e passaram a considerar a associação livre como um tipo de método ideal, uma prática distante e não possível de realização. Entretanto, se de um lado o método analítico propicia uma liberdade de movimentação psíquica, por outro, o processo de análise caminha junto com as resistências ao retorno de ideias repelidas, de maneira que a “a associação livre é sempre uma ‘formação de compromisso’ entre verdades psíquicas e o esforço do *self* para evitar a dor de tais verdades” (BOLLAS, 2009/2025. p. 33, grifo do autor).

A partir disso, Bollas propõe que chamemos a associação livre de *conversa livre*. Esta expressão teria o mérito de acentuar o fato de que o que se espera não é que o analisando revele todos os pensamentos que vagam por sua mente, mas sim que ele tenha a liberdade de passar de um tópico a outro dentro de uma sessão, sem seguir uma agenda, e também a liberdade de interromper a narrativa se outros pensamentos emergirem. O processo associativo livre, ainda que inevitavelmente atravessado por resistências, encontrará expressão de diversos modos, de maneira que precisamos compreender a complexidade e sutileza do que significa “passar de um tópico a outro”. Abordarei isto na sequência.

Múltiplas modalidades de associação livre

Bollas (2009/2025) elenca quatro modalidades diferentes de processo associativo livre, a saber: A lógica da sequência; a lógica da projeção; o movimento do caráter; e o teatro de partes do *self* que interagem entre si e com os objetos parentais.

A lógica da sequência diz respeito à concepção freudiana clássica de associação livre. Bollas se aprofunda nesta forma de expressão associativa em seu livro *A questão infinita* (Bollas, 2009/2012). Retomando Freud, o analista estadunidense aponta que se seguirmos a sequência da fala livre do analisando,

descobriremos a existência de uma “lógica serial” (p. 17) na qual estão presentes muitas linhas de pensamento. Ele observa que Freud descobriu que quando falamos livremente, sem uma agenda predeterminada, por trás da sequência aparentemente desconexa pouco a pouco revelam-se padrões de pensamento inconsciente, padrões que só podem ser compreendidos em retrospecto.

Bollas (2009/2012) busca a origem deste modo de compreender o fluxo livre associativo na teoria freudiana dos sonhos, apontando que Freud descobriu que os sonhos têm uma “lógica temporal” (p. 24). Freud (1900/1996) observa que sempre que um sonho apresenta dois elementos muito próximos em seu conteúdo manifesto, isto significa que há uma ligação entre eles nos pensamentos oníricos. Bollas lembra ainda que Freud declarou existirem “duas causalidades observáveis” (BOLLAS, 2009/2012, p. 25) subjacentes ao pensamento onírico, sendo ambas representadas pela sequência temporal: as transformações sequenciais de uma imagem em outra no sonho e a sequência de sonhos.

Freud (1900/1996) descreve os sonhos como a via régia para o conhecimento do inconsciente. Ao dizer isto, o criador da psicanálise não está apenas se referindo ao conhecimento dos *conteúdos* do inconsciente que pode ser obtido por meio da interpretação dos sonhos. Ele está evocando a própria *forma* dos pensamentos oníricos como paradigma do pensamento inconsciente. É neste sentido que podemos compreender a leitura de Bollas do pensamento inconsciente e da associação livre em Freud, quando aquele declara que foi a partir da observação da lógica sequencial presente no fluxo onírico que Freud teria descoberto suas leis de associação livre. A partir disso, Freud percebe que, ao contrário do que pareceria à primeira vista – isto é, que ao falar livremente nos liberamos do pensamento lógico – quando falamos de modo livre a sequência do que é dito revela uma lógica intrínseca inconsciente. Deste modo, embora Freud reconhecesse que o inconsciente emerge em momentos excepcionais da sessão analítica, como na enunciação de chistes e atos falhos, Freud reconhecia que a “lógica temporal da articulação inconsciente (...) era essencialmente mais reveladora do que o momento embaraçoso anunciado pelo ato falho.” (BOLLAS, 2009/2012, p. 25).

Nesse sentido, Bollas (2009/2012) defende que em sua escuta Freud não estava aguardando a chegada de momentos particulares ou extraordinários na sessão, mas sim seguindo inconscientemente diversas linhas de pensamento inconsciente que se ramificam em zigue-zague. Isto significa reconhecer que uma ideia inconsciente pode viajar por muitas formas, de acordo com as modalidades de formação/deformação onírica. Isto é, uma ideia pode ser *desloca-*

da em um pensamento inocente, pode sofrer um trabalho de *condensação*, inserindo-se em uma imagem contendo outros pensamentos, e assim por diante. Por conseguinte, seguir uma cadeia de pensamentos inconscientes no fluxo associativo livre significa “viajar por trilhos que atravessam muitas *formas* diferentes de representação” (BOLLAS, 2009/2012, p. 27, grifo do autor).

Podemos pensar aqui no filme *Tudo em todo lugar ao mesmo tempo*, dos diretores Daniel Kwan e Daniel Scheinert, em que a personagem, Evelyn, ao viajar pelos multiversos encontra a si mesma em múltiplas formas, desde uma versão de si em desenho animado, com dedos de salsicha ou até mesmo uma versão que é uma pedra.

Para Bollas (2009/2012), “a cadeia de pensamentos verbais é apenas uma das muitas formas de sequência, cada uma com sua própria estrutura lógica” (p. 36), de modo que ele considera que poderíamos descrever uma “tipologia para o inconsciente” (p. 36) composta de diferentes categorias, como: linguística, sônica, relacional e corporal, dentre outras. Estas categorias poderiam ser subdivididas em ordens diferentes. Na categoria relacional, por exemplo, situaríamos as ordens da transferência e da contratransferência. Na categoria linguística, por sua vez, encontraríamos as ordens da semântica, sintaxe, gramática, figuras de linguagem, e assim por diante. O autor utiliza a imagem da partitura sinfônica a fim de expressar a complexidade do movimento sequencial das diferentes categorias e ordens ao longo de um dia e no decorrer de uma sessão analítica. De fato, ele propõe uma espécie de “partiturização” do inconsciente:

Onde as pautas de uma partitura orquestral – empilhadas verticalmente – mostrariam as “linhas de pensamento” para o violino ou a tuba, nossa partitura do inconsciente teria linhas representando categorias como a linguística, a corporal ou a sonora. Movendo-se da esquerda para a direita, “leríamos” a ordem de sequência do inconsciente, assim como se seguiria o desdobramento da música. A imagem nos permite imaginar a simultaneidade do movimento vertical e horizontal intrínseco à nossa articulação de ideias inconscientes em categorias distintas, de modo que se unam para formar uma espécie de harmonização do pensamento. Uma linha de pensamento pode ser expressa, por exemplo, linguisticamente, sonoramente, corporalmente e relacionalmente ao mesmo tempo (p. 38).

Entretanto, Bollas alerta que esta tentativa de construção de uma tipologia do inconsciente pode apenas nos ajudar a pensar sobre a complexidade inconsciente, pois não é possível reduzir o pensamento inconsciente a qualquer

tipologia. Ele pensa ser improvável que seja possível tipificar todas as modalidades de articulação inconsciente. Além disso, ao proceder a uma tentativa como esta, podemos incorrer no risco de perder de vista que o inconsciente é um todo, e “não opera essencialmente segundo sistemas lógicos separados” (BOLLAS, 2009/2012, p. 39).

Para conceitualizar a segunda modalidade de processo associativo, a lógica da projeção, Bollas remonta à concepção kleiniana de relações objetais internas, afirmando que Melanie Klein descobriu que quando falamos livremente, frequentemente estamos “falando sobre partes de nós mesmos” (BOLLAS, 2009/2025, p. 42). Neste sentido, muitas vezes ao associar livremente o paciente está produzindo “objetos falados” (p. 76) criados pela associação livre a fim de conceder representação a partes do *self* em relação a seus objetos internos.

Um exemplo de tal movimento associativo é apresentado por Bollas. Imaginemos um paciente que em determinado momento da sessão fala algo sobre ouvir a missa em si menor de Sebastian Bach, em seguida, após uma pausa, fala de ir a Selfridges para comprar um taco de críquete para o filho, em seguida lembra-se de uma conversa tida com um amigo no qual o tema da lealdade foi o assunto central, então lembra-se de um momento de sua juventude, quando encontrou um carro abandonado e depois descobriu que o veículo havia sido roubado. A sequência Bach/Missa, Selfridges/Tacos de críquete, amigo/lealdade, juventude/carro roubado, poderia ser interpretada, dentro da lógica associativa das relações de objeto, da seguinte forma:

1. “Você está escutando uma parte deprimida de si mesmo” [Bach/Missa].
2. “Você quer dar um jeito de ser um jogador atuante no jogo para evitar sua depressão”.
3. “Uma parte de você sente que deixar sua depressão para trás não é algo leal a se fazer”.
4. “Você acaba por descobrir que jogar é apenas encontrar soluções roubadas, antes abandonadas por você” (BOLLAS, 2009/2025, p. 43).

Deste modo, o analisando estaria representando “um drama itinerante em que partes diferentes do *self* objetificam um conflito no teatro da associação livre” (p. 42, grifo do autor). Vemos a lógica da projeção operando neste tipo de associação livre, pois o analisando estaria projetando partes de si nos objetos internos.

Ainda no que concerne à teoria das relações de objeto, podemos observar, de acordo com Bollas, uma terceira forma de processo associativo livre, trata-se da lógica do teatro de partes do *self* operando por meio da transferência e

contratransferência. Bollas observa que Paula Heimann apontou que ao escutarmos um analisando, devemos nos fazer as seguintes questões: “Quem está falando, com quem, sobre o que e por que agora?” (p. 44). Ele lembra ainda que Margareth Little, embora sem realizar uma conexão direta com o texto de Heimann, propõe uma série de perguntas complementares para que o analista faça a si mesmo: “O que estou sentindo, sobre o que, e por que agora?” (p. 45). Deste modo, o analista se manterá atento à comunicação que o paciente faz de seu mundo interior por meio da forma como este afeta o analista.

Ao considerarmos o fluxo livre associativo do paciente por esta óptica podemos compreender que na relação de transferência-contratransferência está falando, por exemplo, num determinado momento, no paciente, uma parte infantil de seu *self* a uma parte cruel de seu pai, em seguida, a parte atual do *self* do paciente pode falar a seu próprio *self* adolescente, para, em um momento seguinte, o paciente falar com a voz da mãe ao seu *self* edipiano.

Às vezes a fala livre evoca um teatro de múltiplos *selves* e outros, imersos em uma densa ópera de identidades, que “pensam” em algo através do *ato analítico*² [*enactment*]. E geralmente estas identidades estão apresentando simultaneamente várias partes da estrutura da personalidade do *self*. (...). Desse modo, quando associamos livremente, por vezes desencadeamos uma intensa discussão entre as várias partes e funções de nossa personalidade, as quais estão envolvidas na busca de soluções inconscientes para interesses e conflitos inconscientes os mais variados (p. 46-47).

Outra forma de associação livre é, segundo Bollas, o próprio caráter da pessoa. Ele considera que no caráter encontramos os pressupostos implícitos “sobre o ser e se relacionar” (p. 47) de cada um de nós.

Bollas compara o caráter a um poema. Os poemas comunicam pela sua forma, muito antes do conteúdo. Ele aponta como, por exemplo, estudantes de poesia desenvolvem um certo “senso inconsciente da identidade formal dos objetos que estudam” (p. 48) de maneira que muitas vezes conseguem identificar o escritor mesmo que não tenham lido antes aquele poema em particular. De maneira semelhante, expressamos nosso caráter por meio da ação, da *forma*, “encenamos o idioma de nosso ser através da maneira como moldamos o

2. Agradeço à colega Lia Pitliuk, que me apontou que uma melhor tradução para o termo *enactment*, presente no texto original de Bollas, é “encenação”, ou, ainda, uma escolha possível seria manter o termo no original, como tem sido a tendência nos muitos trabalhos recentes que abordam o tema do *enactment*, esta espécie de encenação conjunta entre analista e paciente.

mundo dos objetos – um movimento estético que, é claro, afeta os outros” (p. 48). Em *Forças do destino*, Bollas (1989/2021) utiliza uma interessante analogia para expressar esta ideia. Ele sugere que imaginemos o idioma pessoal como um tipo de fantasma. Imaginemos que estamos olhando o interior de uma casa e vendo os objetos se movimentando. Aos poucos, à medida que observamos essa movimentação, saberemos algo a respeito dessa presença que não podemos ver, mas que *molda o mundo dos objetos*.

Bollas recorre ainda a outra metáfora a fim de descrever o movimento associativo livre do caráter. Adentrando novamente o terreno da música, ele diz que “o caráter é uma sinfonia do *self*, que usa o outro como um instrumento para tocar o seu idioma” (p. 48). Neste sentido, Bollas considera esta modalidade de associação uma expressão do conhecido não pensado, algo que revela aspectos importantes do paradigma lógico do ser e relacionar de cada um de nós, mas que só pode ser conhecido na medida em que é experienciado, não sendo possível descrevê-lo senão de modo incompleto.

Em um processo de análise a comunicação deste tipo de associação só pode se efetivar se o analista tiver uma abertura à expressão do caráter do analisando, algo que se expressa através do uso que o analisando faz do analista como objeto.

Bollas (2009/2025) considera que em uma mesma sessão o analisando pode oscilar entre as lógicas de livre associação, o que leva o analista a alterar também a sua modalidade de escuta. Vemos nessa afirmação a vocação pluralista de Bollas que, em outro momento (BOLLAS, 2007/2024) defende que é um dever ético que os psicanalistas mergulhem nas principais teorias da psicanálise, pois estas seriam como os órgãos dos sentidos, cada um deles permitindo perceber aspectos da realidade que são inacessíveis a outros.

Outro aspecto do processo associativo livre observado por Bollas é a *fre-quência*. Esta não é precisamente outra ordem de livre associação, mas é uma certa dimensão da associação livre que talvez tenha sido pouco explorada pelos psicanalistas. Freud, salienta Bollas, enfatizou o fluxo associativo acontecendo no aqui-agora da sessão, mas os psicanalistas observam, à medida que a análise se estende, que algumas palavras, memórias, sonhos, padrões de pensamento, se repetem no decorrer das sessões. O paciente pode, por exemplo, estar falando da visita que fez à casa de um amigo que mora em uma cidade do *interior* do estado. Esta comunicação pode associar-se com um comentário feito pelo paciente duas sessões atrás a respeito de um livro sobre *design de interiores*, o que pode associar-se a um sonho relatado há um mês, no qual *ele* era o personagem bíblico Jonas, preso no *interior* de uma baleia.

Isto mostra que algumas linhas de pensamento podem ter grandes intervalos de frequência, articulando-se no decorrer de períodos mais longos do que o fluxo associativo de uma única sessão.

A questão infinita

Em *A questão infinita*, Bollas (2009/2012) analisa detidamente algumas sessões realizadas por três pacientes, mostrando que a sessão se desenvolve em um fluxo associativo impulsionado por um jogo de perguntas e respostas, não do paciente ao analista ou vice-versa, mas do *self* consigo mesmo. Um comentário de uma paciente no início da sessão a respeito do fato de ter tentado ligar para a analista algumas vezes no dia anterior para confirmar um atendimento, é lido por Bollas como uma pergunta implícita: “Por que o outro não respondeu quando chamei?” (p. 43). Na sequência da comunicação da paciente ela diz que talvez não tivesse persistido o bastante ou que talvez houvesse algo errado com o telefone. Aqui, a analisanda estaria respondendo à pergunta tácita que ela mesma levantou. Em seu primeiro comentário, emitido a partir destas falas de abertura da paciente em sessão, a analista aponta que esta situação com o telefone parece continuar uma questão da sessão anterior: “como uma pessoa pode ser ouvida?” (p. 43). A sessão segue-se num fluxo constante de perguntas e respostas implícitas na livre associação. Respostas que abrem mais perguntas, e mais perguntas, e assim por diante.

Bollas considera que é o questionamento que move o processo de pensamento. Desde o início de nossa existência nos encontramos em um estado infindável de questionamento sobre nossas vidas. Constantemente nos encontramos com objetos – no nosso ambiente ou na nossa memória – que nos suscitam dúvidas, e mesmo nossas próprias ações e estados de espírito nos colocam em um estado de indagação. Se decido encontrar um amigo ao invés de outro que me convidou para uma festa, isto pode suscitar uma pergunta inconsciente: “por que decidi encontrar este e não aquele?”. “Por que experimentei aquele sentimento durante a conversa com Y?” “Por que me lembrei de X enquanto via aquela notícia no jornal?”. “Por que falei naquele tom com Z”? Nossa vida mental, diz Bollas (2009/2012) “sempre pega o *self* de surpresa” (p. 34). Ele considera que a experiência de enigma, suscitada pelas questões incessantes, é parte constitutiva da associação livre. São os dilemas não resolvidos que garantem a existência da capacidade livre associativa.

Todo o tempo interpretamos a experiência vivida, e os sonhos são, em parte, uma tentativa de interpretação. No entanto, os próprios sonhos suscitam novas questões, cujas respostas abrem outras perguntas. O pensamento inconsciente, portanto, desencadeia questões intermináveis, de maneira que, conforme Bollas destaca, somos irremediavelmente curiosos sobre as razões de nossos próprios pensamentos e sentimentos. Estes levantam questões infinitas nas quais trabalhamos constantemente, na grande parte do tempo inconscientemente. Na juventude, reflete Bollas (2009/2012), sentimos que nossa vida mental é passível de ser compreendida, mas pouco a pouco, enquanto envelhecemos, esta crença perde força, na medida em que nos deparamos com questões sem fim levantadas por sonhos repetidos.

Para Bollas (1992/1998), o sonho é uma revivência da relação primordial entre os inconscientes do bebê e da mãe. Estar num sonho é uma reminiscência da experiência de estar no objeto materno. A distância abissal que existe entre a complexidade do inconsciente materno e a mente ainda pouco desenvolvida do bebê – uma realidade inicialmente física – torna-se posteriormente uma estrutura intrapsíquica. Esta estrutura, uma atualização perpétua do abismo existente entre “a sabedoria do Outro e nossa própria ignorância” (BOLLAS, 2009/2012, p. 141), produz em nós uma sensação de confusão, um sentimento de não saber o que acontece fora ou mesmo dentro de nós mesmos. Somos repetidamente defrontados com questões que, a despeito de partirem de nossas próprias mentes, não somos capazes de responder, pois “o questionador é mais complexo do que nossa consciência consegue pensar (BOLLAS, 2009/2012, p. 141).

Este ímpeto questionador de nossas mentes continua a se desenvolver à medida que temos nossas primeiras experiências com o mundo dos objetos. Bollas (2009/2012) reflete que a teoria freudiana do *a posteriori* mostra que a criança é ainda incapaz de suportar as emoções suscitadas por certas situações, de modo que o pensamento ligado a essa experiência é diferido. A partir da adolescência frequentemente somos revisitados pelas experiências já vividas, que impulsionam os questionamentos. Agora o *self* consciente passa a ocupar o lugar da criança ignorante frente ao saber do Outro, sendo este agora o seu próprio *self* inconsciente.

É o conhecimento inconsciente que suscita questões no transcorrer de uma sessão analítica e impulsiona o processo livre-associativo e, de acordo com Bollas (2009/2012), com a associação livre Freud descobriu um método capaz de investigar o significado por intermédio da “*pulsão interrogativa*” (p. 143, grifo do autor) inerente à própria associação.

A resistência do analista à associação livre

Em alguns momentos Bollas aponta a resistência dos psicanalistas ao uso do método da livre associação. No livro *Associação livre*, por exemplo, ele diz: “O método de Freud era tão disruptivo que até mesmo seus seguidores não conseguiram aderir às suas instruções explícitas e suas implicações” (BOLLAS, 2002/2005, p. 36). Mas é em *O momento freudiano*, no capítulo “Sobre a interpretação da transferência como resistência à associação livre” que ele se debruça especificamente sobre o problema. Bollas (2007/2024) observa que em suas primeiras utilizações do termo *transferência*³ Freud referia-se ao “transporte de conteúdos mentais inconscientes para a consciência” (p. 147). Em *A interpretação dos sonhos* Freud diz que uma representação inconsciente não pode penetrar no pré-consciente a não ser estabelecendo uma ligação com uma representação que já pertence ao pré-consciente, *transferindo* sua intensidade a essa última representação:

Aí temos o fato da “transferência”, que fornece uma explicação para inúmeros fenômenos notáveis da vida anímica dos neuróticos. A representação pré-consciente, que assim adquire imerecido grau de intensidade, pode ser deixada inalterada pela transferência ou ver-se forçada a uma modificação derivada do conteúdo da representação que efetua a transferência (FREUD, 1900/1996, p. 588).

Bollas compreende que a técnica psicanalítica desenvolvida por Freud depende inteiramente deste tipo de transferência. É este modelo de técnica que Bollas intitula *par freudiano*. Neste par o paciente associa livremente e o analista escuta com a atenção livremente flutuante: “uma relação elaborada especificamente para provocar linhas inconscientes de pensamento com o intuito de desvelar alguns dos conteúdos mentais latentes” (BOLLAS, 2007/2024, p. 148).

Ao entregar-se à associação livre o paciente facilita a transferência dos conteúdos inconscientes para o pré-consciente, e deste à consciência. O analista, por sua vez, em estado de atenção uniformemente suspensa, pode captar o fluxo associativo do analisando com o seu próprio inconsciente. Conhecemos

3. A partir deste ponto usarei o termo *Transferência* com inicial maiúscula para me referir ao fenômeno onipresente cuja interpretação sistemática Bollas crítica, e *transferência* com inicial minúscula para me referir ao fenômeno próprio ao par freudiano, conforme Bollas o compreende. Esta diferenciação na escrita é feita no próprio texto original do autor (BOLLAS, 2007), embora, por algum motivo, não tenha sido mantida na versão traduzida (BOLLAS, 2007/2024).

os célebres momentos da obra freudiana em que Freud aborda a questão da comunicação inconsciente (FREUD, 1912/1996; FREUD, 1915/1996). Em *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise* (FREUD 1912/1996), por exemplo, encontramos a metáfora do telefone. O analista deve voltar seu inconsciente para o inconsciente do paciente, tal como um receptor que capta as ondas transmitidas pelo emissor de um telefone. O trabalho analítico se dá, portanto, de inconsciente para inconsciente.

Bollas aponta que embora saibamos que a Transferência é onipresente, a técnica da transferência que opera na associação livre é exclusividade da situação analítica. Este processo específico que ocorre no par freudiano tem dois efeitos fundamentais: em primeiro lugar, “a transferência do pensamento inconsciente para o pensamento consciente” (BOLLAS, 2007/2024, p. 150) e, em segundo lugar, “a criação de uma unidade de pensamento inconsciente” (p. 151). Isto é, gradativamente o paciente compreende que o analista é receptivo à sua associação livre e, portanto, percebe que o pensamento inconsciente pode se dar entre duas mentes em cooperação, cada uma exercendo uma função: uma está livre para falar livremente e à outra é permitido escutar livremente. Bollas (2007/2024) considera que, ironicamente, a ênfase de parte da comunidade psicanalítica na Transferência levou à elisão, no discurso e na prática analíticas, daquela transferência própria à psicanálise.

Além disso, Bollas (2007/2024) lembra que Freud jamais indicou que o analista deveria esperar grandes revelações do paciente. Ao contrário, a escuta freudiana dirigia-se ao trivial e cotidiano. Deste modo, mesmo que o analisando pense que ao não comunicar uma ideia que ele considera perturbadora ele não está falando do que ocupa sua mente, na medida em que segue conversando livremente, passando de um tópico a outro, inevitavelmente o analista poderá escutar a lógica do pensamento inconsciente, pois “o pensar inconsciente não acontece como uma ideia mental única, mas como um processo lógico. Revela-se não em uma unidade narrativa – um paciente falando sobre assar bolos, por exemplo – mas nas ligações entre as unidades narrativas” (p. 156).

Outro ponto levantado por Bollas é que ainda que saibamos que toda comunicação é parte de uma estratégia retórica, um ato que visa a gerar efeitos no outro, na medida em que o paciente continua falando, este simples ato levará ao fracasso da intenção subjacente à estratégia retórica, pois aos poucos a estrutura relacional implícita nesta estratégia cederá lugar ao fluxo de ideias. Por exemplo, um paciente descreve uma cena de horror de um filme a que assistiu na noite anterior, e, ao fazê-lo, talvez esteja tentando inocular no analista um certo sentimento de asco e repulsa. Um fenômeno que pode ser compreen-

dido dentro da lógica da transferência-contratransferência. No entanto, a descrição desta cena ainda não é a associação livre. É preciso aguardar a comunicação que virá na sequência, e a que se sucederá a esta e assim por diante, de modo que em algum momento a intenção ilocucionária cederá para a lógica associativa do pensamento inconsciente.

Neste sentido, Bollas defende que o que verdadeiramente perturba a liberdade associativa do paciente, liberdade essencial para a divisão de funções mentais próprias do par freudiano, é a insistente preocupação do psicanalista com a Transferência, pois na medida em que o analista restringe sua escuta, procurando sistematicamente elementos seletivos que indiquem para ele a existência da Transferência, para o paciente ele transparece implicitamente que não está receptivo para a liberdade de pensamento.

Mas por que os analistas resistiriam à associação livre, esta que continuamos enunciando como nossa regra fundamental? Podemos compreender esta resistência, seguindo Bollas (2007/2024), como uma defesa contra a complexidade do inconsciente.

Desde o caso Dora, e a atribuição do fracasso da análise, por Freud, (1905/1996), à não compreensão e interpretação da Transferência, os analistas passaram a considerar a Transferência como uma espécie de santo Graal do sucesso analítico. Se Freud tivesse compreendido e interpretado a tempo a Transferência e sua própria Contratransferência, a análise teria avançado? Jamais saberemos, diz Bollas. E é contra a angústia suscitada por este não saber fundamental que é intrínseca à nossa prática – afinal o encontro analítico se dá entre inconscientes – que a pergunta “mas e a Transferência?” é frequentemente evocada em supervisões clínicas e discussões de caso. Para Bollas esta pergunta se tornou um signifiante para “E o que foi omitido?” (BOLLAS, 2007/2024, p. 161) e está subjacente a ela a crença de que sempre é possível saber por que uma análise falhou. A Transferência se tornou, de acordo com Bollas, um nome para o incognoscível, o imprevisível, o incerto:

O interessante resultado dessa linha de pensamento é que a Transferência se torna *a solução* para a questão do inconsciente do analisando. “Mas e a transferência?” leva a muitos do mundo psicanalítico a lidar rapidamente com essa questão e presumir que, ao fazê-lo, estão mais em contato com o desenrolar da análise. Ao interpretar a transferência, o analista acredita ser mais capaz de compreender o paciente e menos propenso a ficar no escuro, debatendo-se como mero ser consciente com subtextos infinitamente sutis gerados por linhas de pensamento inconscientes (*Id., ibid.*, p. 162, grifo do autor).

Bollas dirige sua crítica com especial ênfase à escola britânica, herdeira da técnica kleiniana, que tem como fundamento a insistente interpretação da transferência no *aqui e agora*. Encontramos entre os textos kleinianos e pós-kleinianos exemplos notáveis deste modo de lidar com a situação clínica. Betty Joseph, por exemplo, em um artigo (JOSEPH, 1985/1992) inspirado no texto kleiniano sobre as origens da Transferência (KLEIN, 1952/1991) descreve como a Transferência deve ser encarada como a situação total analítica. Ao longo do artigo Joseph demonstra, por meio de vinhetas clínicas, como o analista deve estar atento às manifestações da Transferência, que, potencialmente, inclui “tudo o que o paciente traz para a sessão” (JOSEPH, p. 162), e interpretá-las adequadamente.

Enquanto Freud recomenda que o analista tenha parcimônia nas interpretações, oferecendo ao paciente “a solução de um sintoma ou a tradução de um desejo” (FREUD, 1913/1996, p. 155) apenas quando ele já estiver “tão próximo delas que só tenha de dar mais um passo para conseguir a explicação por si próprio” (p. 155), Klein (1932/1975), por outro lado, diz claramente: “Em nenhuma das análises que efetuei vi qualquer vantagem nessa política de ‘não-interpretação’” (p. 105).

Bollas aponta que fora da escola britânica, em geral, os clínicos interpretam a Transferência apenas quando ela vem à mente espontaneamente e sem prejulgamento. Os analistas da escola britânica, ao contrário, tenderiam a entrar na sessão munidos de prejulgamentos, já que sabem *a priori*, que escutarão, nas narrativas do analisando, referências ao próprio analista, referências estas que devem ser interpretadas imediatamente.

Bollas considera que não raramente este modo de conceber a análise leva o analista a uma postura autoritária, encarnando o papel daquele que revela verdades ocultas ao paciente e este, se resiste às “verdades impostas⁴” (p. 164) é visto como alguém que está “tentando destruir a análise” (p. 164).

Para Bollas, este modo de trabalho afeta o par freudiano de pelo menos três maneiras. Em primeiro lugar, o paciente percebe inconscientemente que o analista não está escutando com uma mente receptiva e aberta, o que obstrui seu ímpeto à comunicação. Em segundo lugar, o paciente se dá conta de que “o analista está buscando sentido na suposta relação do analisando consigo: ou seja, algo se torna prioridade na hierarquia de significados” (p. 164-165). Isto subverte um princípio fundamental do método da associação livre

4. Uma crítica semelhante é realizada por Balint (1968/1993) em seu livro *A falha básica: aspectos terapêuticos da regressão*, no capítulo “Os riscos inerentes à interpretação consistente”.

enunciado por Freud, a saber, o fato de que Freud acredita que é o “menos relevante” que tem “o significado mais importante” (p. 165). Ao privilegiar demasiadamente a Transferência “todos os outros significados inconscientes que habitam nas comunicações do paciente são eliminados” (p. 165). Em terceiro lugar, Bollas indica que a interpretação imediata no aqui e agora interrompe o fluxo de pensamento que é fundamental à associação livre. Para ele, analistas que trabalham deste modo produzem em suas análises profecias autorrealizadoras, pois conforme conduzem a análise a partir da crença de que as comunicações do paciente sempre são referências implícitas ao analista, fazem incessantemente tais ligações em suas interpretações levando a um efeito alienante sobre o paciente que, frequentemente produzirá, de fato, uma transferência negativa.

Antes de finalizar este tópico é importante trazer aqui uma ressalva do próprio Bollas (2007/2024). Em sua crítica à ênfase excessiva na Transferência, ele a marginalizou a fim de focar em um aspecto específico, mas continua considerando que as diversas visões a respeito dos tipos de Transferência constituem uma parte bastante importante do que acontece no trabalho analítico.

Considerações finais

Neste artigo, como indiquei no título, realizei *apontamentos* a respeito do conceito de associação na obra de Christopher Bollas. Propus quase um “recenseamento” de certos aspectos da concepção bollasiana de associação livre, a fim de apresentar a importância que o autor confere ao conceito em seu movimento de retorno a este aspecto fundamental do pensamento freudiano. Não tive por intenção realizar um estudo exaustivo sobre a presença deste conceito na obra bollasiana. Uma parte extremamente importante da visão de Bollas sobre o processo associativo, a saber, a relação entre associação livre e criatividade inconsciente, ficou de fora deste texto. Tenho a intenção de escrever, em breve, um texto especificamente dedicado a este tema. Também não foi possível abordar os momentos da obra de Bollas em que este se debruça sobre a associação livre no contexto do funcionamento da mente do analista em sessão, algo que merece também um estudo à parte.

Referências

- BALINT, M. (1968). *A falha básica: aspectos terapêuticos da regressão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- BECK, J. Lost in thought: the receptive unconscious. In: SCALIA, J. *The vitality of the objects: exploring the work of Christopher Bollas*. London - New York: Continuum, 2002.
- BOLLAS, C. (1987). *A sombra do objeto: a psicanálise do conhecido não pensado*. São Paulo: Escuta, 2015.
- _____. (1989). *Forças do destino: psicanálise e idioma humano*. São Paulo: Escuta, 2021.
- _____. (1992). *Sendo um personagem*. Rio de Janeiro: Revinter, 1998. (Trabalho original publicado em 1992).
- _____. (2002). *Associação livre*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.
- _____. *The Freudian moment*. London: Karnac Books Ltd, 2007.
- _____. (2007). *O momento freudiano*. São Paulo: Nós, 2024.
- _____. (2009). *A questão infinita*. Porto Alegre: Artmed, 2012.
- _____. (2009). *O mundo dos objetos evocativos*. São Paulo: Nós, 2025.
- FREUD, S. (1900). *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud, 5).
- _____. (1905). *Fragmento da Análise de um caso de histeria*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 15-116. (ESB, 7).
- _____. (1912). *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 123-133. (ESB, 12).
- _____. (1913). *Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 137-158. (ESB, 12).
- _____. (1915). *O inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 165-222. (ESB, 14).
- JOSEPH, B. (1985). Transferência: a situação total. In: FELDMAN, M. e SPILLIUS, E.B. *Equilíbrio e mudança psíquica: artigos selecionados de Betty Joseph*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 162-172.
- KLEIN, M. (1932). *Psicanálise da criança*. São Paulo: Mestre Jou, 1975.
- _____. (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In: KLEIN, M. *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 17-43.

_____. (1952). As origens da transferência. In: KLEIN, M. *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 70-79.

KWAN, D.; SCHEINERT, D. (Dir.). *Tudo em todo lugar ao mesmo tempo (Everything Everywhere All at Once)*. Estados Unidos: A24, 2022. 139 min.

NETTLETON, S. *A metapsicologia de Christopher Bollas: uma introdução*. São Paulo: Escuta, 2018.

PIRES, L. Objetos evocativos e a valorização dos restos diurnos – ou o caráter evocativo da vida trivial. In: CINTRA, M. *Por que Bollas?* São Paulo: Zagodoni, 2024. p. 93-100.

Tramitação

Recebido 09/12/2025

Aprovado 08/05/2026